

A LINGUAGEM E O ARQUÉTIPO FEMININO NA OBRA METADE CARA, METADE MÁSCARA DE ELIANE POTIGUARA

Deusemar Cardoso do Nascimento ¹

Elisângela Magalhães Brandão ²

Elton Amaral de Araújo ³

Ludiane Maria da Silva Marinho ⁴

RESUMO

Este artigo examina a interação entre a linguagem e a formação do arquétipo feminino na obra *Metade Cara, Metade Máscara* de Eliane Potiguara, autora indígena brasileira. A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, analisando como a linguagem das mulheres protagonistas reflete e desafia estereótipos de gênero. Através da análise discursiva e de entrevistas com mulheres de diversos contextos culturais e sociais, observamos como as escolhas linguísticas moldam o arquétipo feminino e como a linguagem se torna uma ferramenta de resistência e ressignificação das normas sociais. O estudo evidenciou que a obra de Potiguara utiliza a linguagem para desmascarar e transformar representações tradicionais de feminilidade, refletindo a diversidade e complexidade das identidades de gênero das mulheres contemporâneas.

Palavras-chave: Linguagem, Arquétipo feminino, Representação social, Estudos de gênero, Eliane Potiguara.

INTRODUÇÃO

A obra *Metade Cara, Metade Máscara* de Eliane Potiguara explora a identidade feminina através da lente de uma mulher indígena, enfrentando desafios e opressões culturais e sociais. A narrativa de Potiguara oferece uma perspectiva rica sobre a construção da identidade feminina, permitindo uma análise profunda da linguagem utilizada pelas mulheres na luta pela redefinição de seus papéis na sociedade.

Neste artigo, investigamos a maneira pela qual a linguagem utilizada na obra de Potiguara se relaciona com o conceito de arquétipo feminino, considerando tanto o referencial da teoria de gênero quanto as dinâmicas culturais que influenciam essa

¹Doutorando do Curso de Letras da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS, deusemar85@email.com;

²Mestranda do Curso PROFLETRAS da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte- UERN, Bolsista CAPES, elisangelamb@hotmail.com;

³Mestre em Letras pelo curso PROFLETRAS, da Universidade Estadual do Ceará - UECE. eltonamaral691@gmail.com;

⁴Especialista em Fisiologia do Exercício e Biomecânica do Movimento do Centro Universitário Inta – UNINTA, ludianemarinho@yahoo.com.br ;

construção. Através da análise das escolhas linguísticas das personagens femininas, pretendemos entender como essas mulheres não apenas resistem aos estereótipos de gênero, mas também criam novos significados para a feminilidade.

Além disso, baseamo-nos em teorias de linguística e psicologia para explorar como a linguagem contribui para o empoderamento feminino. O referencial teórico será complementado por autores como Homi Bhabha, que discute a construção e ressignificação de estereótipos, e Izabela Guimarães Guerra Leal e Marina Beatrice Ferreira Farias, que analisam a questão da identidade na obra de Potiguara.

A obra *Metade Cara, Metade Máscara* de Eliane Potiguara foi publicada em 2004, em um momento de crescente reconhecimento e valorização da literatura indígena no Brasil. Esse contexto é fundamental para compreender a relevância do trabalho de Potiguara, uma autora que se destaca por sua abordagem inovadora ao tratar de temas relacionados à identidade, memória e resistência. Potiguara, enquanto mulher indígena, carrega em sua escrita a experiência de um povo historicamente marginalizado, e suas personagens, de maneira semelhante, refletem as complexas camadas de identidade que coexistem dentro delas. Essas mulheres enfrentam múltiplas formas de opressão – de gênero, de classe, e de raça – o que faz com que a análise de sua linguagem e de suas experiências seja rica e multifacetada.

O impacto da colonização e o processo contínuo de invisibilização da cultura indígena brasileira são temas recorrentes na obra de Potiguara. *Metade Cara, Metade Máscara* não apenas conta a história de mulheres que lutam para reivindicar sua identidade, mas também denuncia o silenciamento histórico de vozes indígenas. Através de sua linguagem poética e simbolismo, Potiguara constrói um diálogo entre o passado e o presente, destacando como a memória cultural e pessoal é essencial para a formação da identidade. Esse enfoque na memória, como veremos ao longo deste artigo, está intimamente relacionado com as reflexões de Pollak (1992) sobre a memória social e como ela molda o indivíduo e o coletivo.

A linguagem ocupa uma posição central na obra de Potiguara, não apenas como um meio de comunicação entre as personagens, mas como um instrumento ativo de resistência e transformação. Na narrativa de *Metade Cara, Metade Máscara*, a autora usa a linguagem para explorar as dinâmicas de poder que moldam a vida das mulheres. A escolha das palavras, as metáforas e a estrutura narrativa revelam como as personagens utilizam a fala para se apropriar de suas próprias histórias e romper com os papéis tradicionais impostos pela sociedade.

Conforme as protagonistas desenvolvem suas identidades ao longo da trama, a linguagem se torna uma ferramenta essencial para expressar sua resistência e resiliência. Nesse sentido, Potiguara não se limita a criar personagens que meramente “vivem” suas experiências; ela utiliza a linguagem para desmascarar as camadas de opressão que circundam essas mulheres e, ao mesmo tempo, para criar novos significados de feminilidade. Sob a luz dos estudos de gênero, essa abordagem revela um profundo entendimento do poder da linguagem em moldar e desafiar as normas sociais, tornando-a um objeto de estudo vital para a compreensão do arquétipo feminino nas obras de Potiguara.

METODOLOGIA

A abordagem metodológica utilizada neste estudo foi qualitativa, com base em duas frentes: a análise discursiva da obra *Metade Cara, Metade Máscara* e a realização de entrevistas com mulheres de diferentes contextos culturais e sociais. A análise de conteúdo permitiu identificar padrões recorrentes de linguagem que revelam as tensões entre a submissão aos estereótipos e a resistência a eles.

A análise textual se concentrou em momentos da narrativa onde a linguagem utilizada pelas personagens femininas se mostra mais representativa das dinâmicas de poder e opressão que elas enfrentam. As entrevistas, por sua vez, permitiram explorar como as mulheres contemporâneas enxergam a relação entre sua identidade e a forma como utilizam a linguagem em seus contextos sociais. Esses dados foram triangulados para oferecer uma visão robusta sobre a relação entre linguagem e arquétipo feminino na obra de Potiguara.

Para explorar o tema da linguagem e do arquétipo feminino em *Metade Cara, Metade Máscara*, adotou-se uma abordagem metodológica qualitativa, com foco na análise discursiva e em entrevistas semiestruturadas com mulheres de diferentes origens sociais e culturais. A abordagem qualitativa é essencial para capturar as nuances da linguagem e a riqueza das narrativas femininas, especialmente quando se trata de examinar questões de identidade e resistência cultural.

A análise qualitativa é amplamente utilizada em pesquisas que visam compreender as experiências subjetivas dos participantes, permitindo que suas vozes e histórias sejam plenamente ouvidas. No caso deste estudo, essa abordagem permitiu uma investigação detalhada das estratégias linguísticas que as personagens de Potiguara utilizam para

desafiar as representações tradicionais de gênero. Além disso, as entrevistas realizadas com mulheres contemporâneas forneceram dados valiosos sobre como as narrativas de *Metade Cara, Metade Máscara* ressoam com as experiências de mulheres reais em contextos diversos.

A escolha dessa abordagem se justifica pelo fato de que a linguagem, enquanto objeto de estudo, requer uma análise aprofundada das intenções subjacentes, dos significados implícitos e das práticas sociais que a sustentam. A linguagem, aqui, não é meramente descritiva; ela constrói realidades e desafia estruturas, sendo, portanto, um meio privilegiado para a desconstrução do arquétipo feminino.

A análise discursiva foi o principal método utilizado para examinar as falas das personagens de *Metade Cara, Metade Máscara*. A partir dessa análise, identificamos padrões recorrentes de linguagem que evidenciam as tensões entre conformidade e resistência aos estereótipos de gênero. Essa técnica permitiu uma leitura crítica dos diálogos e monólogos das personagens, identificando as maneiras pelas quais elas constroem suas identidades e desafiam os papéis femininos impostos.

Para garantir a validade dos achados, optou-se por uma estratégia de triangulação de dados, na qual a análise textual foi combinada com os depoimentos das mulheres entrevistadas. A triangulação é uma técnica comum em abordagens qualitativas e tem como objetivo assegurar que os resultados sejam robustos e reflitam a complexidade do fenômeno estudado. No caso deste estudo, a triangulação permitiu uma compreensão mais profunda de como a linguagem na obra de Potiguara ressoa com as experiências de mulheres reais, conectando a narrativa literária com a vivência cotidiana.

A escolha pela triangulação também se justifica pela necessidade de confrontar diferentes fontes de dados – o texto literário e as entrevistas – permitindo, assim, que emergissem insights sobre as possíveis intersecções entre a ficção e a realidade. Essa estratégia possibilitou uma análise mais rica e contextualizada da obra de Potiguara, oferecendo uma compreensão ampliada sobre a relação entre linguagem, identidade e arquétipo feminino.

REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico de uma pesquisa tem a função crucial de orientar o leitor sobre as bases conceituais e analíticas que sustentam as interpretações do autor ao longo de sua obra. No caso desta investigação, que aborda a linguagem e o arquétipo feminino

na obra *Metade Cara, Metade Máscara* de Eliane Potiguara, foram selecionados estudiosos que tratam de questões pertinentes à identidade cultural, memória social e estereótipos, de forma a fornecer um arcabouço teórico sólido e interdisciplinar.

A análise parte da compreensão de que Potiguara, enquanto mulher indígena e escritora, cria uma narrativa de resistência em sua obra, onde a exaltação da força feminina é central. A trajetória das personagens se desenrola em torno de suas lutas internas e externas, revelando, à medida que a narrativa avança, a complexidade de suas identidades. Essas personagens, longe de serem figuras unidimensionais, são redondas, ou seja, sofrem transformações profundas e multifacetadas ao longo do enredo. Sob a perspectiva dos estudos de gênero, essas mudanças são especialmente significativas, pois indicam uma busca contínua por autonomia e liberdade dentro de uma sociedade que tradicionalmente impõe limitações e papéis pré-estabelecidos às mulheres.

ESTUDOS DE IDENTIDADE CULTURAL E GÊNERO

Para entender o impacto da linguagem na construção do arquétipo feminino, baseamo-nos nas reflexões de Stuart Hall sobre identidade cultural na pós-modernidade. Em *A identidade cultural na pós-modernidade* (2006), Hall argumenta que a identidade não é fixa, mas sim fluida e constantemente em negociação, especialmente em um mundo globalizado. Segundo ele, as identidades culturais são formadas em meio a processos de fragmentação e transformação, o que torna as questões de representação e voz essenciais para grupos historicamente marginalizados. Na obra de Potiguara, essa fragmentação é evidente: suas protagonistas não se encaixam em uma única categoria de identidade, mas vivem em um constante estado de negociação entre sua identidade indígena, de gênero e de classe.

As personagens de *Metade Cara, Metade Máscara* ecoam essas ideias ao lutar contra as representações limitadas que a sociedade tenta impor sobre elas. No entanto, o que diferencia a obra de Potiguara de outras narrativas é a forma como a linguagem é usada como uma ferramenta de resistência e autodefinição. Em vez de aceitar passivamente os papéis que lhes são atribuídos, essas mulheres criam suas próprias narrativas, revelando uma força interior que ressignifica o arquétipo feminino. É essa capacidade de usar a linguagem como um meio de subversão que torna a obra de Potiguara uma referência importante nos estudos de gênero contemporâneos.

MEMÓRIA E IDENTIDADE SOCIAL

Outro eixo teórico fundamental para este estudo é a obra de Michael Pollak sobre memória e identidade social. Pollak (1992) explora como a memória individual e coletiva é central para a construção de identidades sociais. No caso das personagens de Potiguara, a memória desempenha um papel importante na formação de suas identidades. Suas experiências passadas, marcadas por opressão e resistência, moldam a maneira como elas se percebem e como interagem com o mundo à sua volta. Através da linguagem, as personagens reconstróem suas histórias e, ao fazê-lo, criam uma nova identidade que desafia as normas impostas pela sociedade.

Esse conceito é particularmente relevante na análise da obra de Potiguara, pois a memória coletiva das mulheres indígenas e suas experiências de colonização e patriarcado influenciam diretamente a maneira como as personagens se expressam. Através da voz de suas personagens, Potiguara resgata e preserva a memória de um povo, ao mesmo tempo que constrói novas formas de identidade que transcendem os estereótipos tradicionais.

O ESTEREÓTIPO E A AMBIVALÊNCIA

Para aprofundar a discussão sobre os estereótipos e suas implicações, recorreremos à teoria de Homi Bhabha. Em *O local da cultura* (2010), Bhabha oferece uma análise sobre o estereótipo como um mecanismo discursivo que é, ao mesmo tempo, fixador e mutável. Segundo ele, o estereótipo não é apenas uma imagem negativa ou positiva, mas uma representação ambivalente que pode ser ressignificada ao longo do tempo. Essa ambivalência é central para a compreensão de como as personagens de Potiguara se movem entre o desejo de se libertar dos estereótipos impostos e a necessidade de se apropriar deles para reivindicar uma nova identidade.

No caso de *Metade Cara, Metade Máscara*, as protagonistas enfrentam os estereótipos de gênero, mas, em vez de simplesmente rejeitá-los, elas os ressignificam. As personagens se utilizam da ambivalência do estereótipo para criar novos significados para suas experiências. Essa dinâmica reflete a natureza paradoxal do estereótipo descrita por Bhabha: ao mesmo tempo que ele tenta impor uma identidade fixa, ele também abre espaço para a contestação e a transformação.

A SINGULARIDADE DA OBRA DE POTIGUARA

Este estudo se diferencia dos demais que analisam a obra de Eliane Potiguara ao focar especificamente na relação entre linguagem e arquétipo feminino, ancorando a análise em uma perspectiva interdisciplinar que abrange estudos de gênero, identidade cultural e memória social. Embora outras pesquisas tenham abordado a importância da identidade indígena na obra de Potiguara (Leal e Farias, 2020), nossa contribuição está em explorar como a linguagem funciona como uma ferramenta ativa na construção e transformação do arquétipo feminino.

Enquanto muitas análises se concentram apenas nas questões de identidade cultural, nosso trabalho amplia esse foco ao incluir a dimensão da linguagem como um elemento central para a compreensão da resistência e ressignificação dos papéis de gênero. Além disso, ao considerar as personagens como figuras redondas, ou seja, como indivíduos que evoluem e se transformam ao longo da narrativa, este estudo oferece uma nova perspectiva sobre a forma como Potiguara articula o processo de construção da identidade feminina.

Ao longo deste artigo, mostramos como a autora não apenas cria personagens fortes e complexas, mas também utiliza a linguagem de forma inovadora para explorar as múltiplas camadas da identidade feminina. Potiguara destaca a força da mulher em sua capacidade de resistir e se transformar, sugerindo que a linguagem é uma das ferramentas mais poderosas para a desconstrução de estereótipos e a criação de novas formas de representação social.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A LINGUAGEM COMO INSTRUMENTO DE RESISTÊNCIA

A análise da obra *Metade Cara, Metade Máscara* revelou que Eliane Potiguara utiliza a linguagem como um veículo de resistência cultural e de transformação identitária. As personagens femininas na obra expressam suas vivências e lutas de forma intensa e simbólica, o que reflete a complexidade da construção do arquétipo feminino. Em várias passagens, Potiguara explora o dualismo entre a "máscara" social que as

mulheres são obrigadas a usar e o "rosto" verdadeiro que revela suas identidades autênticas.

Como notam Leal e Farias (2020), a obra destaca a constante tensão entre a imagem imposta pela sociedade e a verdadeira identidade feminina. Potiguara utiliza a metáfora da "máscara" para representar o arquétipo feminino imposto pela cultura patriarcal e, ao mesmo tempo, sugere a possibilidade de subversão desse arquétipo por meio da linguagem.

ARQUÉTIPO FEMININO E ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO

A obra de Potiguara dialoga diretamente com a teoria do estereótipo de Homi Bhabha (2010). Para Bhabha, o estereótipo é uma ferramenta discursiva ambivalente, pois, ao mesmo tempo em que reforça uma identidade fixa, permite a movimentação e a ressignificação dessa identidade. Essa ambivalência é evidente nas personagens de *Metade Cara, Metade Máscara*, que frequentemente desafiam as expectativas sociais ao utilizar uma linguagem de resistência. As protagonistas não aceitam passivamente os rótulos impostos a elas, mas os subvertem através de suas narrativas.

Em termos de linguagem, a obra reflete uma estratégia metonímica, na qual as falas das personagens sugerem uma falta de representação adequada da mulher indígena, ao mesmo tempo que denunciam as limitações impostas pelos estereótipos de gênero. A metáfora da "máscara" é usada por Potiguara para criticar o processo de estereotipagem, mostrando como as mulheres, especialmente as indígenas, são forçadas a esconder suas verdadeiras identidades por trás de uma fachada culturalmente aceitável.

A QUESTÃO DA IDENTIDADE

A identidade feminina na obra de Potiguara é multifacetada e resiste a uma categorização simples. Como apontam Leal e Farias (2020), *Metade Cara, Metade Máscara* oferece uma rica exploração da identidade como uma construção social em constante negociação. A linguagem desempenha um papel central nessa negociação, permitindo que as personagens construam suas identidades de forma ativa, em oposição às narrativas dominantes que tentam definir o que é ser mulher.

Potiguara também explora a interseccionalidade, mostrando como as identidades de raça, gênero e classe se entrelaçam para moldar a experiência das mulheres. As

protagonistas de *Metade Cara, Metade Máscara* não só resistem aos estereótipos de gênero, mas também desafiam as representações hegemônicas da mulher indígena, utilizando sua voz para redefinir sua posição na sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa mostrou que a obra *Metade Cara, Metade Máscara* utiliza a linguagem não apenas como um meio de comunicação, mas como uma estratégia de resistência e reconfiguração do arquétipo feminino. As personagens de Potiguara desafiam os estereótipos de gênero através da ressignificação de seus discursos, criando um espaço onde a diversidade feminina pode ser expressa de forma plena.

Esse estudo reforça a importância de continuar investigando a relação entre linguagem e identidade, especialmente em obras que dão voz a grupos marginalizados. *Metade Cara, Metade Máscara* revela que a linguagem é uma ferramenta poderosa para dismantelar estereótipos e construir novas narrativas de gênero. Novas pesquisas podem expandir esse olhar para outros contextos culturais e literários, aprofundando o entendimento sobre o papel da linguagem na construção da feminilidade.

REFERÊNCIAS

BENJAMIM, Walter. *O narrador*. In: BENJAMIM, Walter et al. *Textos escolhidos*. Trad. José Lino Grünnewald et al. São Paulo: Abril Cultural, 1980. p. 57-74.

BHABHA, Homi K. *A outra questão: o estereótipo, a discriminação e o discurso colonial*. In: _____. *O local da cultura*. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima, Glaucia Renata Gonçalves. 5ª reimpressão. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010.

LEAL, Izabela Guimarães Guerra; FARIAS, Marina Beatrice Ferreira. *A questão da identidade em "Metade cara, metade máscara" de Eliane Potiguara*. *Caletoscópio*, v. 8, n. 1, p. 11-22, 2020.

POTIGUARA, Eliane. *Metade cara, metade máscara*. (No Title), 2004.

CEIA, Carlos. *E-Dicionário de Termos Literários*. Disponível em: <https://edtl.fcsh.unl.pt/>.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.



MOISÉS, Massaud. *A criação literária*. 6. ed. rev. São Paulo: Melhoramentos, 1973.

MOISÉS, Massaud. *Dicionário de Termos Literários*. 12 ed. rev. ampl. São Paulo: Cultrix, 2004.

POLLAK, Michael. *Memória e identidade social*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.